

Retorno às aulas em tempos de Covid-19: o discurso publicitário

Vanusa Nascimento Sabino Neves¹ 

Lia Machado Fiuza Fialho² 

Charliton José dos Santos Machado¹ 

Raquel do Nascimento Sabino¹ 

Resumo

O objetivo da pesquisa foi analisar as capas das revistas *Veja* e *IstoÉ*, publicadas no ano de 2020, que trouxeram como chamada principal, ou secundária, a temática educação escolar no contexto da pandemia de Covid-19 no Brasil. Realizou-se um estudo qualitativo-descritivo, ancorado nos pressupostos dos gêneros do discurso conforme Bakhtin. Os resultados evidenciaram que a revista *Veja* trouxe elementos representativos da realidade do ensino escolar na rede privada para o retorno às aulas e que a *IstoÉ* expressou um cenário que remete ao ensino na rede pública, com destaque para a impossibilidade de retorno às aulas. Concluiu-se que as capas, ao retratarem situações sociais distintas, induziam a interpretações controversas acerca da possibilidade do retorno presencial às aulas escolares.

Palavras-chave: Educação; Pandemia; Capa de revista.

Abstract

Return to classrooms in Covid-19 times: the advertising speech

The research analyzed the covers of the magazines *Veja* and *IstoÉ*, published in 2020, which brought as main or secondary call, the theme school education in the context of the pandemic of Covid-19 in Brazil. A qualitative-descriptive study was carried out, based on the assumptions of the discourse genres according to Bakhtin. The results showed that the *Veja* magazine brought element representative of the reality of school education in the private network for the return to classes and that *IstoÉ* expressed a scenario that refers to teaching in the public network, with emphasis on the impossibility of returning to classes. It was concluded that the covers, when portraying different social situations, led to controversial interpretations about the possibility of returning in person to school classes.

Keywords: Education; Pandemic; Magazine cover.

Resumen

Regreso a clases en tiempos de Covid-19: el discurso publicitario

Se objetiva analizar las portadas de las revistas *Veja* e *IstoÉ*, publicadas en 2020, que trajeron como convocatoria principal, o secundaria, el tema educación escolar en el contexto de la pandemia de Covid-19 en Brasil. Se realizó un estudio cualitativo-descriptivo, anclado en los supuestos de los géneros de habla según Bakhtin. Los resultados mostraron que la revista *Veja* trajo elementos repre-

¹ Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil.

² Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil.

sentativos de la realidad de la educación escolar en la red privada para el regreso a clases y que *IstoÉ* expresó un escenario que se refiere a la docencia en la red pública, con énfasis en la imposibilidad de volver a clases. Se concluyó que las portadas, al retratar diferentes situaciones sociales, dieron lugar a interpretaciones controvertidas sobre la posibilidad de regresar en persona a las clases del colegio. **Palabras clave:** Educación; Pandemia; Portada de revista.

Introdução

Desde a eclosão da doença provocada pelo novo coronavírus, Sars-CoV-2, em dezembro de 2019, a partir de Wuhan, na China, uma avalanche de notícias passou a fazer parte do cotidiano das pessoas de todo o mundo (GUY, 2020). Os maiores destaques jornalísticos, nacionais e internacionais, voltam-se para a agressividade e o índice de contágio da doença, o número de mortos, o esforço científico conjunto em busca de tratamento e cura, bem como para as condições de assistência da rede hospitalar.

Nesse contexto, sabe-se que o cenário educacional é um dos que estão severamente afetados, especialmente porque o fechamento das escolas em razão da Covid-19 tem instaurado ou agravado muitos outros problemas, principalmente para alunos socialmente vulneráveis (NEVES et al., 2021a). Na especificação da problemática, tem-se maior interrupção da aprendizagem da história da educação global; má nutrição, porque muitos alunos dependem da alimentação fornecida pelas escolas; confusão e estresse para professores, devido à pouca habilidade para com o ensino remoto e à quebra do vínculo com seus alunos; maior exposição dos discentes à violência e à exploração infantil, em razão da permanência fora da escola, entre outros (CASTRO et al., 2020). No Brasil, além desses problemas, 52.898.349 estudantes, de todos os níveis, estão afetados pela interrupção das aulas presenciais (UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION, 2020).

A pandemia de Covid-19 chegou ao Brasil no final de fevereiro de 2020 e, apesar dos esforços para a redução da curva de contágio, o cenário continua crítico. Como prova disso, o painel de monitoramento dos casos informa que, em 20 de julho de 2021, o Brasil confirmou 19.376.574 casos, sendo 542.214 mortos (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2021).

A vacinação, para prevenir casos graves de Covid-19, está em curso, mas autoridades de saúde e veículos midiáticos alertam que novas variantes do vírus, mais contagiosas e muito agressivas, estão em circulação, e os serviços de saúde estão sobrelotados em várias cidades do País, com profissionais de saúde extenuados

(NEVES et al., 2021b). Por isso, alguns chefes do Poder Executivo estadual e municipal estão recrudescendo as restrições quanto à circulação de pessoas e ao funcionamento de estabelecimentos públicos e privados. Dessa maneira, grande parte das escolas brasileiras continua sem previsão de retorno ao ensino presencial.

Destarte, questionou-se: como as principais revistas jornalísticas brasileiras têm noticiado a problemática da Covid-19 sobre o cenário educacional escolar? Para responder a essa pergunta e para melhor compreender o discurso ideológico e a construção de sentidos sobre a temática, objetivou-se analisar as revistas *Veja* e *IstoÉ*, publicadas no ano de 2020, que trouxeram como chamada de capa principal, ou secundária, a temática educação escolar no contexto da pandemia de Covid-19 no Brasil.

O estudo ancora-se na perspectiva bakhtiniana dos gêneros do discurso (2003, 2006, 2013) e sua relevância vincula-se à potencialidade de contribuir para o entendimento dos gêneros discursivos existentes nos domínios ideológicos, isto é, nos enunciados estabelecidos entre a equipe de produção e de jornalistas e leitores, para, com isso, constituir novos conhecimentos e/ou incitar outros estudos a respeito da temática.

Com fundamento em Bakhtin (2013), pode-se afirmar que o conjunto de elementos da capa de revista é denominado de enunciado concreto, porquanto é responsável por informações alusivas ao contexto do qual emerge a notícia. Esse tipo de enunciado publicitário contém características comuns a todos os gêneros e traços exclusivos da revista a qual pertence que exigem competência comunicativa de interpretação (QUILES, 2021). Assim como não é neutro, porque mantém relação dialógica com os demais enunciados originários da conjuntura histórica, social, cultural, das concepções, valores, entre outros posicionamentos, possui marcas discursivas ideológicas do enunciador, repletas de sentido (PUZZO; LACERDA, 2015).

O texto organiza-se em Introdução, contendo a descrição da problemática, pergunta condutora, objetivo, importância da pesquisa e detalhamento do objeto de estudo; Metodologia, com a descrição da trajetória da pesquisa; Resultados e discussão, em que se apresentam os resultados obtidos e sua análise; e Considerações finais, sem pretensão de esgotar o assunto, mas com breve retomada do problema de pesquisa e dos resultados, bem como alusão às limitações do estudo.

Metodologia

A pesquisa se insere na esfera dos estudos qualitativos (MINAYO, 2007) e exploratórios (GIL, 2017). Essa decisão metodológica se justifica porque, sem per-

der o rumo científico, o investigador pode transitar, com certa liberdade, escrutinando histórica e socialmente o objeto de estudo. Para Minayo (2007), as pesquisas qualitativas abordam um nível de realidade não quantificável, aprofundando-se no conjunto de fenômenos integrantes da realidade social e ricos em significados, motivos, crenças, aspirações, valores e atitudes. E, ao classificar as pesquisas dessa natureza, Gil (2017) leciona que os estudos exploratórios têm por objetivo aprimorar ideias e conferir maior familiaridade com o problema, tornando-o mais explícito.

Considerando que o objeto de estudo são as capas das revistas *Veja* e *IstoÉ*, publicadas no ano de 2020, que versavam sobre a educação escolar no contexto da pandemia de Covid-19 no Brasil, importa situar essa escolha. A eleição desses periódicos deu-se devido ao destaque jornalístico que possuem essas revistas no cenário nacional, como atesta o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, 2021a; 2021b). Ademais, sabe-se que, “[...] por meio de iconografias, textos e tantos outros estratagemas presentes na publicidade, são difundidos, ao mesmo tempo, percepções de mundo e vestígios da cultura material” (VASCONCELOS et al., 2018, p. 2).

Em conformidade com o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, da Fundação Getulio Vargas, tanto a revista *Veja* como a *IstoÉ* foram lançadas em São Paulo durante a vigência do regime militar. As primeiras edições da *Veja* e da *IstoÉ* foram publicadas, respectivamente, em 1968 e 1976. Atualmente, possuem periodicidade semanal, em formatos impresso e digital, abordando os diversos temas nacionais e internacionais referentes ao âmbito político, econômico, cultural, científico, esportivo e outros, alcançando milhares de leitores (FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, 2021a; 2021b).

Com o mote de se obter noticiários de capa das revistas *Veja* e *IstoÉ* que trouxessem como reportagem a questão da pandemia de Covid-19 e da educação escolar, empreendeu-se busca no *site*: <https://www.vercapas.com.br>. Devido à frequência semanal das publicações, localizaram-se 51 exemplares de cada uma das revistas, totalizando 102 para o ano de 2020. Na procura por alguma menção à temática, todas as capas foram examinadas em relação aos elementos verbais e não verbais. Dentre os 102 periódicos, somente dois responderam ao propósito do estudo, um por editora: 1) *Veja* edição nº 2.705, publicada pela editora Abril em 23 de setembro de 2020, e 2) *IstoÉ* edição nº 2.641, publicada pela editora Três em 21 de agosto 2020, as quais formaram o *corpus* analisado sob a concepção teórica de Bakhtin, dado que, para este teórico, todo signo é ideológico,

dialético, dinâmico e mutável e reflete a ideologia das estruturas sociais de onde emerge, afinal, que a relação entre locutor e interlocutor é sempre dialógica (BAKHTIN, 2006).

Em primazia aos ensinamentos de Bakhtin (2003), que entende a linguagem como um fenômeno social da interação verbal a partir do qual surgem os enunciados, toda a atividade analítica deu-se em associação com o contexto histórico e social atual imposto pela pandemia de Covid-19 sobre o cenário educacional. No mais, com fundamentação na pesquisa de Heller (2013) acerca dos efeitos psicológicos subjetivos das cores, por afetarem a emoção e a razão das pessoas, as possíveis repercussões das cores, como elementos não verbais, utilizadas nos componentes das capas foram incorporadas ao todo da análise.

Cada capa de revista foi estudada isoladamente e, a seguir, confrontada uma com a outra para se averiguar as peculiaridades dos enunciados nessa relação, porque, para Bakhtin (2003, p. 261), “[...] todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem”, porém, tal como nas atividades humanas, o caráter e as formas desse uso não são uniformes.

Mesmo que a pesquisa tenha elidido a necessidade de parecer pelo Comitê de Ética por utilizar documentos públicos de acesso aberto, os autores preservaram a ética e a legalidade quanto ao rigor científico, à manipulação de dados, aos direitos autorais, entre outros aspectos dessa natureza.

Resultados e discussão

Como é possível concluir, o foco do estudo centra-se nos componentes verbais e não verbais das capas das revistas *Veja* (edição nº 2.705/2020) e *IstoÉ* (edição nº 2.641/2020). Todavia, interessa explicar que, segundo Puzzo e Lacerda (2015), o gênero capa de revista é uma unidade comunicativa que apresenta linguagem verbo-visual, inserindo-se no campo jornalístico e publicitário, simultaneamente, porque aborda uma temática que está em evidência com o objetivo de persuadir o leitor a adquirir o produto, abrir e ler a matéria principal em destaque, no caso, a compra da própria revista.

Para início da argumentação, salienta-se que a análise aqui apresentada não corresponde a uma verdade imutável, porque cada enunciado secundário se vincula a outros enunciados, o discurso de um é atravessado pelo do outro, numa relação dialógica entre locutor e interlocutor que possibilita múltiplas interpretações. Na noção de polifonia, cada enunciado é formado por múltiplas vozes, igualmente cada discurso contém vários outros discursos construídos social e historicamente (BAKHTIN,

2013). Aliás, o emissor espera do interlocutor uma conduta responsiva ativa de compreensão do enunciado, de concordância ou de objeção, por desse modo dizer:

Toda compreensão plena real é ativamente responsiva e não é senão fase inicial preparatória da resposta (seja qual for a forma em que ele se dê). O próprio falante está determinado precisamente a essa compreensão ativamente responsiva; ele não espera uma compreensão passiva, por assim dizer, que apenas dobre o seu pensamento em voz alheia, mas uma resposta, uma concordância, uma participação, uma objeção, uma execução, etc. (p. 271).

No tocante a essa compreensão, as capas de revista compõem um gênero discursivo categorizado como secundário (PUZZO; LACERDA, 2015). Nesse ponto, insta esclarecer que os gêneros primários, diferentemente dos secundários, manifestam-se da comunicação imediata cotidiana, não elaborada, a exemplo do diálogo espontâneo entre as pessoas, mas os gêneros secundários são complexos e surgem a partir da reelaboração dos gêneros primários e do convívio cultural mais complexo e ideológico (BAKHTIN, 2003).

No intuito de não incorrer no viés do “achismo”, para a análise hermenêutica fundamentada, também se consideraram os elementos não textuais, cores, contemplados segundo a abordagem da psicologia das cores proposta por Heller (2013), por entender que elas influenciam o caráter fisiológico e psicológico das pessoas, produzindo sensações que estimulam, inibem ou desorganizam certos comportamentos.

Na Figura 1, ilustra-se a capa da revista *Veja*, denominada “A vez das escolas”, primeira a ser analisada, que alude ao retorno às aulas na conjuntura da Covid-19.



Fonte: *Veja* (2020).

Figura 1 – Capa da revista *Veja*.

Nela, existem os elementos gerais: título da revista, logomarca e endereço eletrônico da editora, número da edição, ano e número do exemplar. Destacam-se, em letras na cor branca, o título da revista e a chamada principal – “A vez das escolas” –, bem como as chamadas secundárias:

Até a cautelosa Organização Mundial da Saúde é a favor da volta às aulas presenciais, recomendação seguida em diversos países. No Brasil, a maioria ainda permanece fechada. VEJA ouviu 120 das melhores instituições de ensino brasileiras para saber como estão se preparando para a retomada. O que os pais precisam fazer para enviar as crianças com segurança aos colégios (REDAÇÃO, 2020).

Na imagem principal, há uma criança branca, do sexo masculino, totalmente paramentada com Equipamentos de Proteção Individual (EPI) – capa impermeável na cor azul, luvas transparentes, protetor facial transparente com fixador azul e máscara azul – e portando uma mochila escolar preta. O cenário está em modo fotografia, desfocado, porém nele se observam cadeiras escolares vazias, novas, na cor laranja, e, ao fundo, um plano vertical na cor verde-escura.

A criança sugere um aluno do ensino fundamental da rede privada, pois o ambiente escolar e as roupas que veste não são comuns aos alunos das escolas públicas, isso porque os trajes de proteção são novos, impermeáveis e de qualidade superior, realidade inacessível à maioria dos brasileiros. Ademais, ela parece pertencer à família de classe média alta, com fisionomia autoconfiante, desbravadora do território escolar povoado pelo inimigo invisível, o vírus. A imagem se complementa com as cores azul, verde e laranja. Consoante Heller (2013), a cor azul pode fazer referência à confiança; a cor verde, à esperança, aos novos começos, à vitalidade e à saúde; a cor laranja, à coragem e ao otimismo; a cor branca, à pureza, à inocência e ao recomeço.

Cumprе mencionar que a publicação em análise é datada de 23 de setembro de 2020, a qual, historicamente, além de emergir do fechamento das escolas na pandemia de Covid-19, vincula-se à publicação da Organização Mundial de Saúde (OMS), em 14 de setembro de 2020, quando divulgou novo guia, em substituição ao anterior, de 10 de maio de 2020, com recomendações para reabertura das escolas e com medidas para minimizar o risco de infecção pelo novo coronavírus para alunos e profissionais da educação (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2020).

O texto “Veza das escolas” indica o desafio das escolas em proporcionarem o retorno seguro às aulas presenciais. Na chamada secundária da capa, a OMS é quali-

ficada como cautelosa. A adjetivação cautelosa, atrelada ao entendimento favorável da Organização ao retorno das aulas, como está escrito: “Até a cautelosa OMS é a favor da volta às aulas presenciais”, insinua que a volta às aulas não poderá ser refutada por terceiros, já que a OMS, mesmo sendo ponderada, é uma autoridade de repercussão mundial a favor do retorno. A OMS manifesta concordância, mas estabelece diversos critérios para o possível retorno às aulas, ao asseverar que a decisão do fechamento total ou parcial, ou reabertura, das escolas deve ser norteada por critérios de avaliação do risco epidemiológico local, capacidade institucional de operar com segurança e impacto da suspensão do ensino presencial no âmbito educacional (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2020).

O enunciado da capa da *Veja* julga a morosidade do Brasil para com o retorno às aulas presenciais, por dizer que as aulas retornaram em diversos países, mas no Brasil a maioria das escolas permanece fechada. Contudo, o parâmetro para a reabertura das escolas no Brasil não se vincula à situação dos outros países, posto que, pela OMS, o retorno condiciona-se ao perfil epidemiológico local de transmissibilidade do agente etiológico da Covid-19, da capacidade governamental e institucional em concretizar medidas preventivas de contágio, entre outros fatores que no Brasil estavam distantes de serem concretizados (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2020).

A equipe *Veja* aponta que investigou os preparativos para a retomada das aulas presenciais: “VEJA ouviu 120 das melhores instituições de ensino brasileiras”. Ante essa informação, pergunta-se: como ouviu as melhores escolas, qual será o posicionamento sobre a volta às aulas das escolas públicas, que não estão entre as melhores? Principalmente, se considerar o Censo Escolar 2020, cujos dados contêm que os maiores protagonistas do ensino no País são os municípios com 48,4% dos estudantes; a rede pública estadual possui 32,1% dos alunos; toda a rede privada abrange 18,6% e a rede federal tem uma participação de 0,9% (BRASIL, 2021a). Não só a maior parte dos alunos está no setor público educacional, como também os indicadores de infraestrutura das escolas de ensino fundamental revelam que escolas particulares apresentam o melhor suporte estrutural do País e que escolas públicas situadas na zona rural têm médias inferiores às das escolas públicas urbanas. Em relação aos indicadores com região, Norte e Nordeste apresentam os mais baixos do País. No mais, os resultados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) são diretamente proporcionais à melhor infraestrutura (UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION, 2019).

O enunciado ainda chama a responsabilidade conjunta dos pais quanto aos cuidados para enviarem as crianças às escolas com segurança, numa compreensão de que o esforço para evitar a contaminação exige o empenho dos pais e responsáveis pelos alunos, e não somente da escola. De certo, desde o lançamento da agenda 30, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) adverte que, em crises como pandemias, conflitos e desastres naturais, prioritariamente os sistemas educacionais devem ser responsivos e resilientes, elegendo como prioridade salvar vidas (UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION, 2015), o que não isenta a responsabilidade de planejamento e investimento para abrandar os reflexos adversos das crises sobre a educação escolar.

Na Figura 2, capa da revista *IstoÉ*, também existem os elementos de identificação comuns, logomarca e endereço eletrônico da editora, edição, ano e número do exemplar. O título da revista está em amarelo. A chamada principal está na cor preta e contém: “Voltar ou não voltar às aulas?”. Na parte superior da capa, existem três *boxes*, mas não serão objetos desta análise, porque não se referem ao tema deste estudo.



Fonte: IstoÉ (2020).

Figura 2 – Capa da revista *IstoÉ*.

A chamada secundária traz:

Não há condições, no momento, de um retorno seguro às atividades escolares, sem o risco de agravar a pandemia. O ano letivo parece perdido, comprometendo uma geração inteira de estudantes. O grande desafio do País será o resgate do déficit no aprendizado. De uma forma ou de outra, o novo modelo de ensino será híbrido (presencial e à distância), como nunca ocorreu antes

o resgate do déficit no aprendizado. De uma forma ou de outra, o modelo de ensino será híbrido (presencial e à distância), como nunca correu antes (VILARDAGA; FERRARI, 2020).

Na imagem principal, tem-se, a partir do plano dorsal, uma mulher e uma criança em pé, voltados para um prédio com portas cerradas. Ambos possuem pele escura, cabelos crespos e trajam roupas simples e de baixo custo, que não lhes oferecem proteção contra a contaminação viral. A criança está com uma mochila escolar. A mulher, provavelmente, segura a mão da criança. A criança está com a cabeça inclinada na lateral direita do corpo da mulher. Além do nome da revista que se evidencia em amarelo “forte”, as cores predominantes são em tons embotados, bege e cinza.

Na imagem principal, a predominância da cor cinza pode sugerir enfraquecimento, inibição da alegria, sentimentos negativos; a cor bege se reporta à passividade e melancolia; a cor amarela manifesta insegurança e alerta. Os tons mais terrosos, amarronzados, estão ligados à simplicidade e as cores frias, em geral, remetem ao distanciamento (HELLER, 2013).

Do todo formado pelos elementos textuais e visuais, inclusive os aspectos da criança, sugere-se que simbolizam uma família pobre, de etnia negra, à frente de uma escola pública fechada, desprotegidos, porque não vestem nenhum EPI, cabisbaixos, em postura de desolação. Explorando a polissemia presente na imagem, pode-se dizer que essa mãe, provavelmente trabalhadora, depende do espaço escolar como ambiente seguro para deixar o filho enquanto trabalha para prover as necessidades essenciais à vida familiar. A criança, com a cabeça baixa, sugere descontentamento com a situação de fechamento da escola.

Na chamada secundária consta que “Não há condições, no momento, de um retorno seguro às atividades escolares, sem o risco de agravar a pandemia”. O provável pano de fundo relacionado à capa em exame é que, no mês de agosto de 2020, os casos de Covid-19 no Brasil estavam em ascensão. À vista disso, o Painel coronavírus (BRASIL, 2021b) Brasil marcou, nas 34^a e 35^a semanas epidemiológicas do ano de 2020, período compreendido entre 16 e 29 de agosto de 2020, semanas correspondentes à edição e publicação dessa revista *IstoÉ*, 13.230 óbitos, ou seja, a cada 24 horas, em média, houve 945 óbitos em decorrência de complicações da Covid-19. Ao longo da pandemia, os números da morte são flutuantes e assolam o país com crueldade. Neste ano de 2021, na 14^a semana epidemiológica, de 4 a 10 de abril, foram 21.141 mortes,

ou seja, 3.020 vidas ceifadas por dia. Atualmente, nas duas últimas semanas, 28^a a 29^a, de 11 a 17 de julho de 2021, ainda se contabiliza cerca de 800 óbitos a cada 24 horas (BRASIL, 2021b).

Diante do perfil epidemiológico, da curva de contágio e dos casos fatais em elevação, a revista *IstoÉ* antecipou o que realmente ocorreu no cenário público educacional: “O ano letivo parece perdido, comprometendo uma geração inteira de estudantes”. Sobre o vocábulo “perdido”, salienta-se que não se aplica literalmente às escolas privadas, posto que essas instituições implementaram o ensino por meio remoto híbrido, somado às condições materiais dos pais que puderam garantir os recursos tecnológicos em casa para que os alunos tivessem acesso ao novo modelo de ensino implementado em face da pandemia.

Quanto às escolas da rede de ensino pública do País, não se pode dizer que foi um ano “perdido” em sua totalidade, pois, apesar da desigualdade social na qual se encontram os alunos das escolas públicas, expressa na falta de acesso aos recursos tecnológicos e de ambiente doméstico adequado aos estudos, as redes de ensino público enfrentaram a problemática com pouca estrutura, mas com participação dos professores que usaram seus próprios recursos, inovando e criando possibilidades de garantia à continuidade do ano letivo através do ensino remoto (BEZERRA et al., 2021). Do mesmo modo, as redes públicas se organizaram como sistemas de ensino, reorganizaram os calendários letivos e os currículos, adequando-os ao ensino remoto, e conseguiram finalizar o ano letivo, ainda que com altos índices de evasão.

Acrescenta o texto secundário da capa: “O grande desafio do País será o resgate do déficit no aprendizado”. De fato, desde o início da pandemia, transcorreram 13 meses e ainda não se via o desfecho da crise sanitária. De acordo com Silva et al. (2021), a presença de variantes genotípicas do vírus, a soropositividade de curta duração e a possibilidade de reinfeção podem resultar em imunidade de curta duração ou não eficaz, por isso a imunidade coletiva pode não ser alcançada. Conforme Oliveira et al. (2020), quanto à efetividade do ensino remoto nas escolas públicas, é fato que os sistemas de ensino foram submetidos à realização de mudanças abruptas para garantir a continuidade do ensino e mitigar os prejuízos decorrentes da suspensão das aulas presenciais; os professores precisaram de um esforço maior para se adequarem às novas exigências laborais, muitas vezes sem os recursos técnicos necessários; e os alunos vivenciaram dificuldades para acompanhar as aulas não presenciais. Assim, os efeitos dessa realidade sobre o processo

ensino-aprendizagem precisam ser avaliados, já que, apesar das aulas não presenciais terem possibilitado a continuidade nos estudos, haverá a necessidade de retomar conteúdos para maior efetivação da aprendizagem por ocasião do retorno às aulas presenciais.

Para a *IstoÉ*: “De uma forma ou de outra, o modelo de ensino será híbrido (presencial e à distância), como nunca correu antes”. Com efeito, o Brasil não estava preparado para o ensino remoto, mas há de se considerar que conectividade à internet é um grande problema do panorama digital, porque o acesso à internet apresenta variações alarmantes. A Unesco (2021), ao avaliar o desenvolvimento da internet no Brasil, informa que, na área urbana, 35% dos domicílios não dispõem de conexão e, na zona rural, essa percentagem é de 66%. Na região Nordeste, por exemplo, sem diferenciação de área urbana ou rural, 51% dos domicílios estão desconectados.

A deficiência para o ensino remoto não se restringe aos alunos, muitos professores (77%) não realizaram nenhum curso para conduzir aulas com o uso das ferramentas digitais. Em se tratando dos anos iniciais do ensino fundamental, a percentagem é mais preocupante: 81% dos professores não se capacitaram para essa nova demanda do trabalho docente (UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION, 2021), por conseguinte, a inclusão digital direcionada a alunos e professores é uma necessidade urgente. Para esses últimos, há de se considerar que muitos precisam de competências para ensinar remotamente, como lecionam Silva et al. (2020), ao analisarem o ensino remoto no meio rural, pois eles identificaram que professores ainda carecem de competências necessárias ao trabalho docente remoto e estudantes manifestam dificuldade na adaptação ao processo de ensino-aprendizagem pelas novas metodologias e são carentes de aparelhos conectados aos provedores de rede. As famílias também colecionam várias vulnerabilidades que lhes inabilitam a acompanhar e orientar o aluno em aprendizagem domiciliar. Outro dado preocupante é que cerca de 85% dos discentes, por estarem distanciados das aulas presenciais, não adimpliram as atividades escolares encaminhadas pelos docentes.

Correlacionando os enunciados das capas das revistas *Veja* e *IstoÉ*, percebe-se que ambas trataram uma única vez a temática Covid-19 na sua inter-relação com a escola, abordando especificamente o retorno às aulas presenciais nas escolas brasileiras na conjuntura da pandemia de Covid-19.

Os elementos verbais e visuais na capa da *Veja* indicam um contexto de escola privada por apresentar na capa uma criança bem-vestida, protegida, já dentro de uma sala de aula com cadeiras novas, com expressão de segurança e coragem para a volta às aulas presenciais, principalmente quando se adiciona a esse quadro visual o texto “[...] ouviu 120 das melhores instituições de ensino brasileiras para saber como estão se preparando para a retomada”. Na contramão, a capa da *IstoÉ* indica a realidade da maioria dos alunos, os mais vulneráveis, visto que a criança e sua acompanhante – provavelmente a mãe – estão na parte de fora da escola, que está fechada, a postura da criança remete ao descontentamento, pois não traja nenhum EPI, suas vestes são modestas e não lhe conferem proteção. Insinua uma escola sem estrutura para o retorno às aulas e uma família negra em situação de insegurança.

As capas das duas revistas apresentam imagens com diferenças flagrantes, sobretudo quanto ao conteúdo social. Na revista *Veja*, o conteúdo contempla as condições de vida da classe social elevada, mais abastada, que já defendia o retorno presencial das atividades escolares. Enquanto a revista *IstoÉ* traz a representação de uma mãe simples, cujo equipamento escolar cumula as funções de instrução escolar e coadjuvante no cuidado do filho. Observa-se que estrategicamente a *Veja* retrata a criança sozinha como detentora do direito à educação, enquanto a *IstoÉ* associa a criança à imagem da mãe, como se o sentido maior da escola aberta fosse a influência desta na dinâmica da vida familiar.

Outra questão de relevo é que na *Veja* a criança é branca, enquanto na *IstoÉ*, é negra. No Brasil, entre as maneiras mais evidentes de manifestações das desigualdades sociais, está a de raça, haja vista ser herança histórica colonial persistente até os dias atuais. A propósito, os indicadores sociais referentes a 2018 informam que no mercado de trabalho a taxa de subutilização dos negros e pardos é de 29% e de brancos é de 18,8%. “O rendimento médio mensal das pessoas ocupadas brancas foi 73,9% superior ao das pessoas pretas ou pardas” (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2019, p. 3). Para mulheres negras ou pardas, a situação é pior, porque elas recebem apenas 57,5% do que recebem os homens brancos. Na educação, a taxa de analfabetismo é duas vezes maior em negros ou pardos (9,1%) do que em brancos (3,9%). Além disso, negros ou pardos têm a menor taxa de conclusão do ensino médio. Por conseguinte, estruturalmente pretos, pardos e mulheres, além de maioria, acumulam desigualdades múltiplas e profundas na educação, no trabalho, entre outras áreas,

que dificultam a inserção em lugares mais privilegiados da sociedade (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2019).

Diante das realidades abordadas pelas capas das revistas, surge o questionamento: quais escolas hoje possuem condições reais de atender às recomendações da OMS para o retorno às aulas? Apenas as melhores do Brasil? Insta lembrar que, dentre as recomendações, estão: distanciamento físico de no mínimo um metro dentro e fora das salas; escalonamento e revezamento de ensino remoto e presencial para evitar a proximidade nas salas; alternância de horários nos intervalos e refeições; garantia do controle de multidão; manutenção de distanciamento nas filas; proibição de agrupamentos; uso de máscaras por alunos a partir dos 12 anos e por todos os adultos da escola; manutenção de ventilação natural nas salas ou, em caso de haver ar-condicionado, garantia de limpeza, manutenção regular dos equipamentos e filtragem do aparelho; garantia da higiene das mãos, ambientes e superfícies tocadas, entre outros cuidados (BRANDENBURG et al., 2020; WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2020). Nesse ponto, conforme a Unesco (2015, p. 21), os investimentos em infraestrutura escolar não são uma requisição apenas desses tempos de pandemia, mas integram o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS4) da agenda 30, meta 4.a, ao prescrever: “Construir e melhorar instalações físicas para a educação, apropriadas para crianças e sensíveis às deficiências e ao gênero e que proporcionem ambientes de aprendizagem seguros, não violentos, inclusivos e eficazes para todos”.

Como não há no Brasil igualdade de acesso, permanência e qualidade na educação, especialmente quando se comparam escolas da rede pública e privada de ensino, as análises das capas das revistas permitiram concluir que o discurso publicitário acerca do retorno às aulas não era consensual, pois, ao retratarem situações sociais distintas, induziam a interpretações controversas a respeito da possibilidade responsável do retorno presencial às aulas escolares.

Considerações finais

Este estudo abordou a educação escolar no contexto da pandemia de Covid-19 no Brasil, com o mote de analisar as capas das revistas *Veja* e *IstoÉ*, publicadas no ano de 2020, que trouxeram como chamada principal, ou secundária, a temática da educação escolar no decorrer dessa pandemia. Para responder a esse objetivo, desenvolveu-se uma pesquisa qualitativa e descritiva fundamentada na perspectiva bakhtiniana dos gêneros do discurso.

Das capas de 102 revistas inspecionadas, apenas duas responderam aos critérios de inclusão do estudo – *IstoÉ* n° 2.641, de 23 de setembro de 2020 (VILARDAGA; FERRARI, 2020), e *Veja* n° 2.705, de 26 de agosto de 2020 (REDAÇÃO, 2020) –, pois, ainda que a pandemia fosse notícia recorrente, a atenção dada à educação escolar em tempos pandêmicos não foi priorizada. A escassez de capas de revistas alusivas à educação sinaliza, inclusive, a histórica importância secundarizada que o País concede à educação.

As capas de ambos os periódicos trazem à reflexão um tema que deveria ser de interesse de todos, a educação de crianças e jovens, futuro do país. Elas permitiram refletir sobre as precauções na retomada das aulas, o papel dos pais nesse processo, as desigualdades sociais majoradas com o fechamento das escolas, a tendência na consolidação do ensino a distância após a pandemia, o prejuízo ao processo de ensino-aprendizagem, entre outros aspectos.

Dentre os resultados, foi possível constatar que a revista *Veja*, mesmo ao enfatizar a cautela da OMS nas recomendações da reabertura das escolas, apresentou um conjunto verbo-visual de capa que retratou a realidade da classe privilegiada economicamente, em decorrência, ressaltou ideologia congruente de boa parte dessa classe social ao defender a possibilidade segura de retomada das aulas presenciais, possivelmente buscando aderência interpretativa do seu público leitor, ignorando, todavia, que as condições escolares apresentadas, numa sala escolar de excelente estrutura, com um aluno em trajes de proteção individual novo e completo, não condiz com a realidade de inacessibilidade da maioria dos discentes brasileiros.

De maneira distinta, a capa da revista *IstoÉ* abordou a mesma temática, mas sob outra perspectiva, uma vez que veiculou uma fotografia mais representativa do cenário escolar público vivenciado pela maioria dos alunos brasileiros, caracterizado por escola fechada, criança negra, com roupas simples e postura de desalento, tornando factível perceber a impossibilidade do retorno às aulas com a devida segurança.

Foi observado, apoiando-se na teoria bakhtiniana, que a construção de sentidos a respeito dos enunciados concretos contidos nas capas das revistas indicava discurso publicitário que precisava de uma leitura crítica e intertextual, isso porque a linguagem não é neutra e contém ideologia e dialogismo. Nelas, havia uma relação de interação baseada no contexto histórico, social e cultural, bem como entre os interlocutores, que não pode ser apreendida como verdade única, isenta de subjetividade. Ao contrário, são exigidos olhar minucioso e reflexão criteriosa.

Destarte, compreende-se que as reflexões analíticas apresentadas neste estudo não são as únicas concebíveis, dado que os enunciados das capas se submetem às visões de mundo de pessoas distintas, com histórias de vida e contextos múltiplos, mas lançam lume à necessidade de uma interpretação leitora crítica na interface com o contexto sócio-histórico, ou seja, a partir de outros olhares e em circunstâncias diferentes, novas leituras e interpretações podem emergir, o que não desqualifica a pesquisa, ao contrário, fortalece a defesa da necessidade de se estar mais atento às informações e notícias recebidas. De tal modo, sugere-se que outras pesquisas acadêmicas abordem a temática educação *versus* pandemia em discursos publicitários, porque a pandemia ainda está em curso e ainda não se sabe ao certo como será o desfecho da crise sanitária sobre o cenário escolar.

Referências

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003.
- _____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12. ed. São Paulo, SP: Hucitec, 2006.
- _____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 5. ed. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2013.
- BEZERRA, N. P. X.; VELOSO, A. P.; RIBEIRO, E. Ressignificando a prática docente: experiências em tempos de pandemia. *Revista Práticas Educativas, Memórias e Oralidades*, Fortaleza, v. 3, n. 2, p. 1-15, maio 2021. <https://doi.org/10.47149/pemo.v2i3.3917>
- BRANDENBURG, C. et al. Cartilha educação e saúde no combate à pandemia da covid-19. *Revista Práticas Educativas, Memórias e Oralidades*, Fortaleza, v. 2, n. 2, p. 1-35, maio 2020. <https://doi.org/10.47149/pemo.v2i2.3670>
- BRASIL. Ministério da Educação. *Censo da educação básica 2020: resumo técnico*. Brasília, DF: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2021a.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Painel coronavírus*. Brasília, DF, 2021b. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 20 jul. 2021.
- CASTRO, M. A.; VASCONCELOS, J. G.; ALVES, M. M. Estamos em casa! Narrativas do cotidiano remoto da educação infantil em tempo de pandemia. *Revista Práticas Educativas, Memórias e Oralidades*, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 1-17, jan. 2020. <https://doi.org/10.47149/pemo.v2i1.3716>

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS – FGV. *Verbetes temáticos*: Veja. Rio de Janeiro, RJ, 2021a. Disponível em: <<https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/veja>>. Acesso em: 20 jul. 2021.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS – FGV. *Verbetes temáticos*: Istoé. Rio de Janeiro, RJ, 2021b. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/istoe>>. Acesso em: 20 jul. 2021.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 6. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2017.

GUY, R. K. et al. Rapid repurposing of drugs for Covid-19. *Science*, Washington, v. 368, n. 6493, p. 829-30, maio 2020. <https://doi.org/10.1126/science.abb9332>

HELLER, E. *A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão*. São Paulo, SP: Gustavo Gili, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil*. Rio de Janeiro, RJ, 2019. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101681>>. Acesso em: 23 mar. 2021.

VILARDAGA, V; FERRARI, M. O risco de uma catástrofe geracional. *IstoÉ*, 21 ago. 2020.

MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, S. F. et al. (Orgs.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 26. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 9- 29.

NEVES, V. N. S.; ASSIS, D. V.; SABINO, R. N. Ensino remoto emergencial durante a pandemia de Covid-19 no Brasil: estado da arte. *Revista Práticas Educativas, Memórias e Oralidades*, Fortaleza, v. 3, n. 2, p. 1-17, 2021a. <https://doi.org/10.47149/pemo.v3i2.5271>

NEVES, V. N. S. et al. Utilização de lives como ferramenta de educação em saúde durante a pandemia pela Covid-19. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 42, p. 1-7, 2021b. <https://doi.org/10.1590/es.240176>

OLIVEIRA, D. A.; PEREIRA JÚNIOR, E. Desafios para ensinar em tempos de pandemia: as condições de trabalho docente. In: OLIVEIRA, D. A.; POCHMANN, M. (Org.). *A devastação do trabalho: a classe do labor na crise da pandemia*. Brasília, DF: Positiva, 2020. p. 207-28.

PUZZO, M. B.; LACERDA; E. A. Análise da linguagem verbo-visual de capa de revista: uma proposta de leitura bakhtiniana. *Caminhos em Linguística Aplicada*, Taubaté, v. 13, n. 2, p. 198-223, 2015.

QUILES, M. C. Discurso publicitário e intertextualidade: itinerários para formação comunicativa de professores. *Educação & Formação*, Fortaleza, v. 6, n. 1, p. 1-27, 2021. <https://doi.org/10.25053/redufor.v6i1.3455>

REDAÇÃO. A vez das escolas. *Veja*, 23 set. 2020. Disponível em: <https://www.vercappas.com.br/edicoes/veja/>. Acesso em: 20 mar. 2021.

SILVA, L. R.; SANTOS, A. R.; SOUZA, D. A. Os desafios do ensino remoto na Educação do Campo. *Revista de Políticas Públicas e Gestão Educacional*, Araraquara, v. 1, n. 1, p. 40-65, 2020. <https://doi.org/10.22481/poliges.v1i1.8263>

SILVA, W. M. et al. Reinfection: a review of the new evidence. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 1, p. 1-9, 2021. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i1.12016>

UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION - UNESCO. *Avaliação do desenvolvimento da internet no Brasil*. Paris, 2021. Disponível em: https://www.nic.br/media/docs/publicacoes/8/20210217115717/avaliacao_do_desenvolvimento-da-internet-no-brasil.pdf. Acesso em: 26 fev. 2021.

_____. *Consequências adversas do fechamento das escolas*. Paris, 2020. Disponível em: <https://pt.unesco.org/covid19/educationresponse/consequences>. Acesso em: 23 mar. 2021.

_____. *Declaração de Incheon e marco de ação para a implementação do objetivo de desenvolvimento sustentável 4: assegurar a educação inclusiva e equitativa de aprendizagem ao longo da vida para todos*. Paris, 2015. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000245656_por. Acesso em: 24 mar. 2021.

_____. *Qualidade da infraestrutura das escolas públicas do ensino fundamental no Brasil*. Paris, 2019.

VASCONCELOS, L. M.; FIALHO, L. M. F.; MACHADO, C. J. S. Facetas da (im)potência viril na Revista Careta: educação e masculinidades no estado novo (1937-1945). *Acta Scientiarum Education*, Maringá, v. 40, p. 1-12, 2018. <https://doi.org/10.4025/actascieduc.v40i4.41145>

WORLD HEALTH ORGANIZATION – WHO. *Considerations for school-related public health measures in the context of Covid-19*. Geneva, 2020. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/considerations-for-school-related-public-health-measures-in-the-context-of-covid-19>. Acesso em: 24 mar. 2021.

_____. *Coronavirus disease (Covid-19) Dashboard*. Geneva, 2021. Disponível em: <https://covid19.who.int/region/amro/country/br>. Acesso em: 20 jul. 2021.

Submetido em: 07/04/2021

Aceito em: 21/07/2021

Sobre os autores

Vanusa Nascimento Sabino Neves

Mestra em Gestão de Organizações Aprendentes pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Licenciada e graduada em Enfermagem pela UFPB. Graduada em Direito pelo Centro Universitário de João Pessoa. Enfermeira do Hospital Universitário Lauro Wanderley da UFPB.

E-mail: pbvanusa@gmail.com

Lia Machado Fiuza Fialho

Professora do Centro de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação e do Mestrado Profissional em Planejamento e Políticas Públicas da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará, Pós-doutorada em Educação pela Universidade Federal da Paraíba. Pós-doutoranda em Educação pela Universidade de Salamanca. Líder do Grupo de Pesquisa Práticas Educativas Memórias e Oralidades - PEMO. Editora da revista Educação & Formação do PPGE/UECE. Pesquisadora produtividade CNPq.

E-mail: lia_fialho@yahoo.com.br

Charliton José dos Santos Machado

Professor Titular da Universidade Federal da Paraíba. Pós-Doutor em Educação Pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Pós-Doutor em História e Filosofia da Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Mestre em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

E-mail: charliltonlara@yahoo.com.br

Raquel do Nascimento Sabino

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba. Mestra em Educação. Licenciada em Letras. Supervisora escolar da Secretaria Municipal de Educação de João Pessoa.

E-mail: raquelsabino26@gmail.com